



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

LUIZ CARLOS NUNES DOS SANTOS

***A ESCRAVIDÃO NAS MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS:
FOCO EM PRUDÊNCIO***

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

LUIZ CARLOS NUNES DOS SANTOS

**A ESCRAVIDÃO NAS *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*:
FOCO EM PRUDÊNCIO**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Sérgio de Proença.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

LUIZ CARLOS NUNES DOS SANTOS

**A ESCRAVIDÃO NAS *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*:
FOCO EM PRUDÊNCIA**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa.

Data de aprovação: 02/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Sérgio de Proença (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof.^a Dr.^a Lilian Paula Serra e Deus

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof.^a Dr.^a Renata de Oliveira Batista Rodrigues

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	MOTIVAÇÃO PESSOAL	6
3	JUSTIFICATIVA	6
4	OBJETIVOS	7
4.1	GERAL	7
4.2	ESPECÍFICOS	7
5	METODOLOGIA	8
6	CAMPO TEÓRICO	8
7	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
7.1	MACHADO DE ASSIS: UM POSSÍVEL AGENTE JURÍDICO EM PROL DA LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS	9
7.2	O CONTEXTO HISTÓRICO DA ESCRITA DAS MEMÓRIAS PÓSTUMAS	11
7.3	A HIPOCRISIA DA SOCIEDADE BRANCA E CRISTÃ DO SÉC. XIX	11
7.4	A ANÁLISE DE LÚCIA MIGUEL PEREIRA SOBRE MACHADO DE ASSIS E SUA NEGRITUDE	13
7.5	A MIMESE DA ESCRAVIDÃO	14
7.6	A GINGA DA CAPOEIRA (LITERÁRIA)	16
	REFERÊNCIAS	17

1 INTRODUÇÃO

Machado de Assis, no século XIX, lançou mão da literatura para promoção sobre como a burguesia branca vivia. Através de seu livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, ele ensina e alerta sobre questões sociais e raciais. No entanto, até o final do século XX, era unânime a visão de que o autor eximiu-se de toda e qualquer tentativa de denúncia sobre tais questões. Machado dá voz a Prudêncio, um personagem que, por muitos, não é considerado grande o suficiente para estar dentro da categoria de “Personagens Principais”, que é o que acontece no livro de Valentin Facioli (2002, p. 143), *Um Defunto Estrambótico* que, após listar os personagens que julga serem os principais, coloca Prudêncio em uma categoria de “Outros Personagens”, dizendo: “Prudêncio — Escravo na casa de Brás Cubas, desde menino foi cavalgado e maltratado por este, como ficou visto. Libertado ou alforriado pelo pai de Brás, já não entrou na partilha dos bens da herança, para a surpresa de Cotrim, que estranha o fato”.

Diante disso, seria possível entender o personagem Prudêncio como um porta-voz que traz à luz potentes denúncias escravagistas, revelando a hipocrisia da sociedade brasileira no século XIX, na obra machadiana? Mesmo para um personagem que segue às margens da análise da produção machadiana, não seria um exagero atestar que sim.

Sendo assim, o que Machado de Assis queria ao criar Prudêncio dentro da narrativa criada nas *Memórias Póstumas*? O autor nunca foi um escritor de retrato do óbvio. Desde seu primeiro romance — *Helena* —, mexeu com leitores, quer ávidos, quer meros degustadores de uma boa narrativa. Em Prudêncio, Machado não apenas representou um homem negro escravizado, mas construiu um retrato psicológico das consequências do sistema de escravização sobre os indivíduos, tanto dos oprimidos quanto dos opressores (Proença, 2024).

Santos (2015, p. 91), sobre o processo psicológico da escravidão, explica: “Uma das marcas indeléveis que o sistema escravista legou ao Brasil diz respeito às agressões, aviltamentos desferidos por um escravo contra o outro”. Isso explica questões históricas de como até hoje pessoas pretas tendem a não criar laços de solidariedade entre si tendem a guerrear contra seus iguais, reforçando um processo de militarização, como explicou a professora doutora Carla Akotirene (2025).

Ele, inicialmente um escravizado da família Cubas, representa a realidade de opressão e violência que sustentava o sistema escravagista. Numa narrativa contada não pelo próprio Prudêncio — apesar de, curiosamente, este escravizado ter voz e posicionamentos na obra machadiana —, o livro é tecido pela mente perturbada do Brás Cubas, que é um homem branco da elite, que exhibe uma vida de privilégios. Nessa relação escravo-senhor — senhor-escravo

surtem várias questões a serem comprovadas. E a forma como Brás Cubas lida com Prudêncio, mesmo após a alforria, demonstra que Machado critica a desumanização e a exploração da população negra.

Chalhoub (2003), acerca da abordagem machadiana, argumenta que a sociedade brasileira não se libertou mentalmente da escravidão, mesmo depois da Abolição. Prudêncio, que, após ser alforriado, repete a opressão ao adquirir seu próprio escravizado, reforça a questão e mostra que essa é sua questão mais marcante, reproduzindo a violência com que a família Cubas o criou. Afinal, era comum um escravo (forro ou não) possuir um outro escravo? O que Machado tinha em mente quando levantou essa questão para seus leitores?

2 MOTIVAÇÃO PESSOAL

A escolha em investigar aspectos da escravidão e das relações raciais nas *Memórias Póstumas* surgiu do interesse de compreender como a literatura pode refletir e questionar estruturas sociais do passado brasileiro, especialmente aquelas ligadas à escravidão e à formação das identidades. O estudo da obra machadiana, neste contexto, não apenas amplia esse percurso investigativo, como também oferece uma oportunidade de aprofundar reflexões sobre a permanência de certos imaginários sociais que atravessam séculos da história do Brasil. A crítica ao sistema escravista e às relações de poder no Brasil oitocentista, evidenciada nas personagens Prudêncio e Brás Cubas, nos capítulos “O menino é pai do homem” e “O vergalho” de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, refletem a expressão do que busquei ao longo da minha trajetória acadêmica, que foi a dedicação à análise de obras literárias com temas sociais, com ênfase nas representações da desigualdade.

3 JUSTIFICATIVA

Tal pesquisa justifica-se pela importância histórica e literária das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, por meio do recorte dos dois capítulos em que o escravizado Prudêncio aparece - XI e LXVIII -, tendo em vista ser o romance um espelho do Brasil que respirava os ares do final da escravatura, no fim do século XIX, período em que as *Memórias* foram escritas. Segundo Duarte (2009), Machado expõe, de maneira dissimulada, a complexidade das relações sociais e a hipocrisia da elite brasileira da época. É completamente possível notar essa

existência social representada pelo personagem Brás Cubas e seu contemporâneo, o escravo Prudêncio.

Além disso, é de extrema importância notar que mesmo sendo os dois personagens criados num livro escrito no século XIX Brás e Prudêncio ainda conseguem refletir o Brasil atual, carregado de hipocrisias políticas, ideológicas e religiosas, no que tange ao exercício de imposição e poder dos brancos em detrimento dos pretos. Assim sendo, este trabalho justifica-se também na tentativa de buscar relacionar aspectos do antigo sistema escravagista com a relação poder-submissão dos dias atuais, visando ampliar o debate acerca das causas raciais e sociais.

Por fim, faz-se necessário entender que a linha de estudo acerca da escravidão nas obras machadianas não foi um aspecto estabelecido desde sempre. Sendo lido por e para pessoas brancas, Machado era também interpretado por e para pessoas brancas e isso perdurou até o final do século XX. No entanto, mesmo em tão pouco tempo sendo uma possibilidade de estudo, essa linha conta com uma gama de obras valiosas e muito relevantes no cenário atual da análise literária, caracterizando assim que não existe impedimento na possibilidade de aprofundamento do tema escolhido.

4 OBJETIVOS

4.1 GERAL

Este estudo tem como propósito compreender como Brás e Prudêncio representam a sociedade escravista brasileira do século XIX a partir de aspectos do romance Memórias póstumas de Brás Cubas, Joaquim Maria Machado de Assis.

4.2 ESPECÍFICOS

No que tange à especificidade deste estudo, busca-se:

- Reconhecer aspectos do papel de Brás Cubas quanto às relações com Prudêncio;
- Destacar as marcas do sistema escravista na relação entre os dois e no entorno deles;
- Investigar como a narrativa machadiana evidencia a naturalização da violência e da desigualdade racial.
- Apresentar fatos históricos sobre o envolvimento de Machado com as causas racial e social.

5 METODOLOGIA

Esta pesquisa tem uma abordagem qualitativa e exploratória, desenvolvida por meio de uma investigação bibliográfica e documental, baseada na leitura e análise de livros, artigos científicos, documentos oficiais, bem como consultas a biógrafos e críticos que contribuem para a compreensão do objeto de estudo, visando compreender o que já se produziu sobre o assunto, identificar debates importantes e embasar teoricamente a discussão proposta.

De acordo com Gil (2008), a pesquisa bibliográfica se baseia em materiais já publicados e tem como objetivo reunir, discutir e aprofundar conhecimentos disponíveis, permitindo ao pesquisador construir uma base sólida para sua análise.

Tudo isto, visando analisar os processos resultantes do racismo no século XIX coloniais do século XIX, na tentativa de examinar como os comportamentos de Brás Cubas e as expectativas sociais em relação a ele apresentam a hipocrisia da elite burguesa brasileira, contrastando com a realidade vivida por Prudêncio (Proença 2024) e discutir como Machado de Assis utiliza a narrativa e a construção dos personagens para criticar a moralidade da sociedade da época, evidenciando a dualidade entre discurso e prática (Duarte 2009; Proença 2024).

6 CAMPO TEÓRICO

O presente estudo tem como campo teórico a Literatura, focando em seus aspectos sociais, históricos e políticos, levando em conta também as ações contribuintes das ciências linguísticas, como a análise do discurso, que ajudam na compreensão de como se estruturam os sentidos mais profundos das obras literárias.

Por muito tempo, a crítica literária ignorou os contextos raciais envolvidos nas obras de Machado de Assis, perpetuando a ideia de que ele era um autor “neutro” em relação a tais questões. Foi somente a partir do final do século XX, com o avanço dos Movimentos Negros e as revisões das leituras críticas que a cor negra de Machado passou a ser considerada um elemento fundamental de leitura. Nessa ação de resgate e de reposição, novas interpretações surgiam evidenciando que era impossível separar o autor de sua condição racial e social, marcadas pela escravidão, pela exclusão e pela hipocrisia da elite brasileira.

Neste sentido, os autores Chalhoub (2003); Santos (2015); Faccioli (2002); Magalhães Jr (2008); Guidin, Granja e Ricieri (2008); Akotirene (2025); Pereira (1936); Duarte (2009); Mils

(1997); Pellegrini (2007); Proença (2015; 2024) e Gil (2008) são trazidos neste projeto para servirem de base teórica - de forma direta e/ou indireta. Tais autores se mostram essenciais na tentativa de seguir atestando a negritude de Machado e seus envolvimento políticos. Para além dos aspectos sociais, o trabalho também pretende dialogar com elementos da semiótica narrativa, especialmente na forma como Machado constrói sua crítica por meio da ironia, da ambiguidade e da instabilidade do narrador. Esses recursos ajudam a demonstrar que o discurso machadiano não é panfletário, mas estratégico — e essa estratégia é o que torna sua crítica ainda mais potente.

Por fim, vale lembrar que os estudos literários que abordam Machado a partir da sua negritude e da sua inserção histórica e política ainda são relativamente recentes, e surgem como um esforço de reequilibrar o modo como a literatura brasileira tem sido lida, ensinada e entendida. Este projeto se insere nesse mesmo caminho: o de reconhecer que a arte de Machado é atravessada pela vida real, e que não é possível desassociar sua literatura das lutas, dores e contradições de seu tempo — muitas das quais permanecem até hoje.

7 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

7.1 MACHADO DE ASSIS: UM POSSÍVEL AGENTE JURÍDICO EM PROL DA LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS

Historicamente, no cenário da Literatura Brasileira, surgiu a ideia de que Machado de Assis era um escritor clássico que não se envolvia em questões étnico-raciais e sociais. Assim como os parnasianos construíram a famosa “arte pela arte”, perpetuou-se a ideia de que Machado se isentava quando o assunto caía neste ramo da política, fazendo apenas arte sem se envolver com denúncias sociais. Ao se analisar devidamente o contexto da escrita do renomado intelectual, levando em conta não apenas os textos, mas o contexto histórico do autor, percebe-se que tais afirmações não poderiam se sustentar, pois, para além do fato de que em grande parte da vida, foi um escritor considerado realista¹, convertido do romantismo², Machado se

¹ Escola Literária que tinha como um de seus pilares ideológicos a crítica social, sendo enquadrado por Pellegrini (2007, p. 140) como indissoluvelmente ligado à ‘representação’, que desempenha um papel central no entendimento da própria literatura, desde Platão e Aristóteles.

² Escola Literária que visava enxergar o mundo através do sentimentalismo e das idealizações. Segundo Valentim Facioli (2002), era fortemente nacionalista e ufanista.

envolveu diretamente nas leis que abriram caminho para a libertação dos escravizados no Brasil. Assim sendo, muito provavelmente, devido ao fato de viver e trabalhar no Brasil que respirou os ares do final da escravidão, ocupando uma posição aguçada socialmente em relação aos seus irmãos de raça, suas obras carreguem tanto peso de denúncia, mesmo que a crítica literária não evidencie tal questão. Proença (2015 *apud* Magalhães Jr., 2008, p. 275), acerca do envolvimento de Machado nas leis práticas de libertação dos escravizados, disserta:

No Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, Machado se envolveria na Aplicação da 'Lei do Ventre Livre', mais precisamente na matrícula dos escravos, procedimento previsto pela lei. A falta de matrícula seria importante instrumento de liberdade para os escravos. O artigo 19 do regulamento da lei dizia: 'Os escravos que, por culpa ou omissão dos interessados, não forem dadas à matrícula até dia 30 de dezembro de 1873, serão por esse fato considerados libertos'.

E completa ainda: “O registro dos cativos proporcionava controle sobre nascimentos e ofereceria importantes dados estatísticos sobre a escravidão”. Para além disso, Proença (2015, p. 140) afirma que “Machado de Assis não foi indiferente à escravidão nem aos seus desdobramentos, conforme indica a portentosa obra que ele nos legou”.

Magalhães Jr (2008, p. 279), discorrendo sobre o envolvimento de Machado nos processos jurídicos da escravidão, diz: “O principal é, porém, que revelou seu senso jurídico, seu esclarecido senso jurídico, invocando o espírito da lei e seu alto propósito liberal”. Ainda para Proença (2015, p. 92):

Uma dificuldade para as matrículas era a falta de dados confiáveis para a população escrava. O prazo não foi respeitado. Opiniões e pareceres de Machado, como chefe de da 2ª Seção do Ministério da Agricultura, eram solicitados. Em caso de ausência ou irregularidade no processo de matrículas, os pareceres de Machado sempre defendiam o espírito da lei de 1871: a liberdade e não a propriedade.

Tendo em vista tais aspectos, Sidney Chalhoub (2003, p. 226-227) também expressa opinião acerca da emancipação dos escravizados. Ele relata que:

No interior da própria administração, havia aqueles que dispostos a esgarçar significados e ampliar continuamente as prerrogativas do poder público. Em meados dos anos 1870, acreditavam sinceramente que valia a pena o esforço de lutar pela emancipação dos escravizados, através de uma rigorosa e abrangente lei de 1871.

Estas evidências se alinham à tentativa de demonstrar que Machado de Assis não foi um mestiço indiferente às causas que o atravessavam enquanto homem negro. Talvez esta tenha sido a sua forma de lutar contra o sistema escravista de sua época.

7.2 O CONTEXTO HISTÓRICO DA ESCRITA DAS MEMÓRIAS PÓSTUMAS

Memórias Póstumas de Brás Cubas, segundo Abel Baptista, citado na obra “Machado de Assis: Ensaio da crítica contemporânea” de Márcia L. Guidin, Lúcia Granja e Francine W. Ricieri (2008), pertence à chamada “fase madura de Machado”, alguns anos antes da abolição da escravatura em termos oficiais. Acerca disso, Faccioli (2002, p. 16) explica:

Quando Machado de Assis escreveu *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (entre 1878/1880) o Brasil conhecia já desde alguns anos a chegada do que Sílvio Romero chamou de ‘um bando de idéias novas’ (entre 1868/78). Tais idéias novas alcançavam grande prestígio, especialmente nos países periféricos à Europa, e eram tidas [...] como as conquistas mais avançadas nas ciências naturais e sociais, na filosofia, na história, na política etc.

Ainda no livro “Machado de Assis: Ensaio da crítica contemporânea” (2008), Baptista (2008, p. 18) mostra que no período em que as *Memórias Póstumas* foram escritas, o historiador Capistrano de Abreu (1853/1927), ao analisá-la, pergunta: “As *Memórias Póstumas de Brás Cubas* são um romance?”. Ao que diz haver uma resposta imediata: “Em todo caso, são mais alguma coisa. O romance aqui é um simples acidente. O que é fundamental e orgânico é a descrição dos costumes, a filosofia social que está implícita”. E mais ainda outra crítica: “As *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é um livro de filosofia mundana, sob forma de romance. Para romance falta-lhe entrecho e o leitor vulgar pouco pasto achará para a sua imaginação e curiosidades banais”.

Assim sendo, após descreverem as críticas, concluem a linha de raciocínio mostrando que Brás Cubas (ou Machado, caso queira) se antecipa aos críticos e resolve a questão com o seguinte trecho: “a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual; ei-lo aí fica privado da estima dos graves e do amor dos frívolos, que são as duas colunas máximas da opinião” (Assis, 1978. p. 19).

7.3 A HIPOCRISIA DA SOCIEDADE BRANCA E CRISTÃ DO SÉC. XIX

Na obra machadiana vemos diversas denúncias sobre as perversidades da sociedade hipócrita do século XIX. Proença (2024, p. 140) relata que a base familiar sempre foi importante para o reflexo da sociedade da época. Por isso, ainda analisando as *Memórias Póstumas*, relata: “A pedagogia familiar sedimenta os valores fundamentais do grupo social a que pertencem seus membros, abençoados pela confissão religiosa professada”. Tal citação está baseada no fato de

que Prudêncio, como uma ótima mimese do que é o branco rico do Brasil, era um mimado pelo pai que não recebia limites em suas ações, como segue o trecho do capítulo XI (“O menino é pai do homem”):

Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez, eram mostras de um gênio indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinham em grande admiração; e se às vezes me repreendia, à vista de gente, faziao por simples formalidade: em particular dava-me beijos (Assis, 1978. p. 41).

Brás Cubas, assim como Prudêncio, cresceu refletindo a imagem de mundo em que viveu. Prudêncio reproduziu o ódio, a raiva. Brás, de outra sorte, reproduziu a prisão de pertencer à família que pertencia.

Para não se envergonhar de tais atrocidades; para ter um sustento em suas ações, o cristianismo torna-se um instrumento básico, especialmente no século XIX, permitindo que a elite legitime as desgraças lançadas sobre os pretos escravizados. Tal escravidão era frequentemente justificada a partir de versos da Bíblia que promovia uma interpretação das escrituras que dizia que os negros foram condenados a ser amaldiçoados (segundo a interpretação precipitada das escrituras, eram considerados como “os filhos/descendentes de Cam, baseados no livro de Gênesis, na Bíblia). “Cham era como se grafava na época, Cam. Trata-se de um nome bíblico, o de um filho de Noé, do qual descendem os negros, segundo a tradição” (Proença, 2015, p. 86).

Em relação à ligação da Igreja com as barbaridades sociais Facioli (2002, p. 20-21), em *Um Defunto Estrambótico*, expressa: “[...] Os estudos literários costumam passar ao largo dessa questão, obscurecendo o problema ou simplesmente ignorando-o como se ele não estivesse existido ou não fosse pertinente”. Mesmo enquanto expunham virtudes de igualdade, caridade e fraternidade, a elite cristã da época não percebeu uma contradição entre pregar sobre amor e caridade e explorar e oprimir negros escravizados.

No artigo “Prudêncio e a pedagogia da escravidão”, Proença (2024, p. 141) discorre:

Brás Cubas teve influência de um tio cônego e da mãe piedosa. O papel da religião, dentre outros, em nada foi desprezível; contribuiu para adoção, manutenção e longevidade do sistema servil. [...] A Igreja, com sua capilaridade, suas doutrinas, sua liturgia, seus sacerdotes, contribuía para o controle rigoroso da vida cotidiana de seus fiéis, principalmente na inculcação de seus princípios doutrinários, para explicar e justificar a forma de organização daquele mundo, produto da vontade de Deus.

Dentro ainda deste processo do envolvimento da Igreja católica como cúmplice do processo de escravidão, Proença explana a dualidade hipócrita da articulação social, através da obra machadiana, ao dizer que a mesma sociedade que se mostrava íntegra e moral em público, cometia as mais severas atrocidades no oculto. O professor explica, também, que as *Memórias* póstumas estão repletas dessas dicotomias ao dizer que

O desdobramento inevitável do capítulo “O vergalho” é a falta de conformidade entre as dimensões do público e do privado na ordem social, no sentido em que elas se associam a padrões de comportamento distintos. O Brás menino viveu ambiente privado-familiar em que aprendeu os valores escravagistas. Adulto, maneja a seu favor esses mecanismos sociais, como indica o capítulo segundo das *Memórias*, nas quais o narrador não esconde a sede de nomeada (ele queria ver o nome dele estampado nas embalagens da droga), que era a face da moeda voltada para o público; na outra dimensão, a privada, ficava o desejo de lucro (Proença, 2024, p. 148).

7.4 A ANÁLISE DE LÚCIA MIGUEL PEREIRA SOBRE MACHADO DE ASSIS E SUA NEGRITUDE

Machado retrata a sociedade escravista de forma dúbia em seus escritos. O tio cônego de Brás é um exemplo disso. Na obra machadiana, encontra-se o seguinte trecho: “Bem diferente era o tio cônego. Esse tinha muita austeridade e pureza; tais dotes, contudo, não realçavam um espírito superior, apenas compensavam um espírito medíocre” (Assis, 1978, p. 41). O professor Paulo Proença, sobre tal dualidade, escreve:

Desdobramento inevitável do capítulo “O vergalho” é a falta de conformidade entre as dimensões do público e do privado na ordem social, no sentido em que elas se associam a padrões de comportamento distintos. O Brás menino viveu ambiente privado-familiar em que aprendeu os valores escravagistas. Adulto, maneja a seu favor esses mecanismos sociais, como indica o capítulo segundo das *Memórias*, nas quais o narrador não esconde a sede de nomeada (ele queria ver o nome dele estampado nas embalagens da droga), que era a face da moeda voltada para o público; na outra dimensão, a privada, ficava o desejo de lucro (Proença, 2024, p. 148).

Embora austero e puro, o tio cônego de Brás não deixava de expressar sua humanidade no sentido mais reprovável. Não estava preocupado com a espiritualidade, mas sim, com o lado externo/imagem da vida eclesiástica. Isso fica evidenciado no seguinte trecho: “Não era homem que visse a parte substancial da igreja; via o lado externo, a hierarquia, as preeminências, as sobrepelizes, as circunflexões. Vinha antes da sacristia que do altar. Uma lacuna no ritual excitava-o mais do que uma infração dos mandamentos” (Assis, 1978, p. 41).

Sendo assim, uma pergunta surge: de onde viria a dualidade com a qual Machado produz suas obras? Pereira (1936, p. 17), em sua biografia sobre Machado de Assis, que procura analisar a obra a partir da vida do autor, com enfoque psicológico, opina que:

Tendo de lutar contra a inferioridade da educação, de sopitar impulsos de nevropata, de desmentir o proverbial espevitamento do mestiço, querendo impor-se aos brancos, aos bem nascidos, Machado de Assis, num movimento instintivo de defeza, tratou de se esconder dentro de um tipo, não era bem o seu, mas que representava o seu ideal: o do homem frio, indiferente, impassível.

Não se pode, ao ler esta colocação, deixar de considerar que tal posicionamento é questionável, afinal, a autora afirma que Machado usava a dualidade não como expressão de genialidade literária, mas como uma maneira de esconder-se, ante o fato de ser um negro nevropata em uma sociedade de brancos “bem-nascidos”, caracterizando assim um ato de racismo acadêmico textual. Para ela, Machado teria sofrido muito pelo fato de ser mulato e a trajetória de certos personagens e o núcleo de algumas tramas de romances seriam a projeção ficcional disso. Então, ela prossegue:

Até onde teria sido, ele próprio, vítima da ilusão? .Porque, para livra-lo da pecha da hipocrisia consciente, é preciso não esquecer que essa aparência enganosa representava o seu ideal humano (2). E foi, assim, um homem sempre composto, nos dois sentidos do termo, o bom e o mau, o de compostura e o de composição. Certo de que tinha, ao lado de indiscutíveis superioridades, taras de que se vexava, e quisera esconder, Machado penetrou na celebridade como num salão cheio de gente pronta a criticar-lhe o traje modesto (Pereira, 1936, p. 17).

Mesmo sendo brilhante e tendo conseguido altos cargos no Brasil, Machado carregava em si o signo de Cam: era um homem negro. Para a formação do ocidente, tudo o que vem após a demarcação racial, não importa. Em mais um trecho racista e limitador, Pereira (1936, p. 97) prossegue: “Mulato, ele o era sem disfarce, a raça gritando na vasta e rebelde cabeleira que lhe caía sobre as orelhas, nos lábios grossos encimados pelo bigode ralo e duro, nas narinas achatadas”. A autora, neste sentido, dá a entender ser Machado um homem que levava em si uma certa frustração devido à sua condição racial.

7.5 A MIMESE DA ESCRAVIDÃO

No capítulo LXVIII, numa reviravolta surpreendente da narrativa das *Memórias Póstumas*, o antes escravo Prudêncio aparece alforriado. Mas, mais que isso, torna-se senhor de um escravo:

[...] um preto que vergalhava outro na praça [...] Parei, olhei... Justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada menos que o meu moleque Prudêncio, — o que meu pai libertara alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a bênção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele. — É, sim, nhonhô (Assis, 1978. p. 116).

Em relação ao processo da violência sendo transferida de um escravo para outro, o professor Santos (2015) destaca: “Uma das marcas indelévels que o sistema escravista legou ao Brasil, diz respeito às agressões, aviltamentos desferidos por um escravo contra o outro”.

Esse episódio mostra que a violência contra os negros foi inculcada desde a infância e foi naturalizada pelas elites raciais sem um resquício de pudor e moral; a sociedade da época, mesmo com um discurso cristão tão penetrante, não se absteve de tais barbaridades. Com isso, Santos (2015) mostra que quando Prudêncio se torna senhor de escravos, acaba representando como por um reflexo o tipo de criação que teve. Como, pois, querer que alguém que viveu a vida inteira sendo tratado como animal e propriedade, se comporte de uma outra forma numa sociedade que dizia para ele que a ascensão social estava demarcada pelo possuir do seu semelhante? Em relação a isto, o professor Gilberto Santos (2015) argumenta:

Nesse sentido, podemos interpretar que no mundo ficcional de *Memórias Póstumas*, Prudêncio partilha com Brás Cubas as mesmas representações com relação ao trato para com os cativos, visando estabelecer uma relação de inviolabilidade de sua vontade ante seu escravizado. Essa forma de entender as relações sociais, essas representações, foram inculcadas em Prudêncio por Brás, pelos pares de Brás (as elites) e/ou pelo próprio sistema escravista que está intimamente atrelado às elites.

A vida de Prudêncio foi marcada inteiramente por violências físicas e psicológicas. Desta forma, contestar a reação violenta de Prudêncio para com seu escravo, seria, inclusive, desumanizá-lo e desviar a responsabilidade de quem realmente era o produtor daquelas expressões de raiva: Brás e sua família.

Era comum, assim como Prudêncio, que escravos fossem senhores de outros escravos. Acerca disso, Santos (2015, p. 91) explica:

Essa prática aconteceu de diversas formas, inclusive em propriedades rurais em que alguns africanos eram alçados à condição de feitor na ausência de seus donos quando estes não tinham ninguém a quem confiar à gestão da fazenda durante o tempo em que estavam fora de seus domínios. Este tipo de ação transformava o escravo em administrador, portanto, detentor de um poder que podemos chamar de simbólico, já que contava com o assentimento dos demais e dos próprios indivíduos que o delegava ao cativo.

A alforria, muitas vezes vista pela elite cristã como um ato de benevolência, na realidade nunca ofereceu condições dignas de vida aos libertos, perpetuando um ciclo vicioso de exclusão

e pobreza. Dessa forma, em sua obra, Machado de Assis ainda condena a elite cristã do século XIX, que se orgulhava de seus valores morais enquanto mantinha e naturalizava um sistema desumano de exploração. Com *Brás Cubas* e *Prudêncio*, a obra desmonta a moralidade desonesta da escravatura, revelando suas contradições, nas quais a retórica religiosa foi empregada para legitimar relações sociais desiguais.

7.6 A GINGA DA CAPOEIRA (LITERÁRIA)

Machado de Assis, sendo um negro intelectual envolto às nuances da sociedade branca brasileira do século XIX, não combateu o racismo e os problemas sociais de frente; pelo contrário, foi estratégico em sua luta. Desta forma, Duarte (2009), em seu artigo “A Capoeira Literária de Machado de Assis”, compara a capoeira - ritmo dançante preto que também foi usado como luta/arma para combater as ações racistas dos brancos e capitães do mato - com a dissimulação que Machado escolheu para tratar de tais questões. O professor diz: “A idéia que subjaz ao presente trabalho indica ser também a dissimulação o caminho escolhido por Machado de Assis, em especial no que diz respeito ao pendor crítico que perpassa seus textos, tanto na crônica como na ficção” (Duarte, 2009. p. 29). Assim sendo, tal abordagem pode servir como um lembrete de que o sistema escravista constitui uma força moldadora da mente, controlando os negros não apenas fisicamente, mas também mentalmente e em suas atitudes para com a submissão, e que continua após a emancipação. Da mesma forma, a elite branca internalizou essa racionalidade e sentiu-se moralmente sancionada em seus privilégios, mesmo emprestando discursos cristãos para esconder sua hipocrisia. Ao invés de denunciar explicitamente tais contradições, Machado de Assis estrutura uma narrativa cuja lógica as faz emergir, de modo que o leitor também é levado a experimentá-las sem que sejam mostradas no enredo (Proença 2024; Mils, 1997).

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Egéria, 1978.
- CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis: historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- DUARTE, Eduardo de Assis. A capoeira literária de Machado de Assis. **Machado de Assis em Linha**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 27–38, 2009. Disponível em: <https://machadodeassis.fflch.usp.br/node/11>. Acesso em: 26 maio 2025.
- FACIOLI, Valentin. **Um defunto estrambótico: análise e interpretação das Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Nankin Editorial, 2002.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GUIDIN, Márcia L.; GRANJA, Lúcia; RICIERI, Francine W. (orgs.). **Machado de Assis: ensaios da crítica contemporânea**. São Paulo: UNESP, 2008.
- MILLS, Charles W. **O contrato racial: edição comemorativa de 25 anos**. Tradução de Teófilo Reis e Breno Santos. São Paulo: Zahar, 2023.
- PELLEGRINI, Tânia. Realismo: postura e método. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 137–155, dez. 2007.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. **Machado de Assis: estudo crítico e biográfico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936. (Bibliotheca Pedagógica Brasileira. 5.^a série, v. 73).
- PROENÇA, Paulo Sérgio de. Prudêncio e a pedagogia da escravidão nas Memórias póstumas. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana-SE, v. 39, n. 2, p. 139-150, jan./jun. 2024.
- PROENÇA, Paulo de. **Sob o signo de Caim: Machado de Assis e a Bíblia**. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2015.
- SANTOS, Carla Adriana Silva. **Segurança pública**. [S. l.], 9 abr. 2025. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DIeF5hHASwX/> Acesso em: 26 maio 2025.
- SANTOS, Gilberto de Assis Barbosa dos. A violência do escravismo em Machado de Assis. **Revista do Laboratório de Estudos da Violência da UNESP/Marília**, Marília, n. 15, p. 86, maio 2015.